

Plano do México enfrenta oposição de grandes bancos

William Waack

A forte relutância dos principais bancos americanos ameaça matar no berço o novo plano para a dívida mexicana. Lançado há menos de um mês como "inovativo e construtivo" o esquema mexicano contou com o apoio político formal do governo dos Estados Unidos e se transformou em tábua de salvação pretendida por países como Brasil, Venezuela e Chile.

Até agora apenas bancos regionais manifestaram algum tipo de interesse no esquema. Os grandes *money centers* — os principais credores — evitaram cuidadosamente comentários oficiais sobre as propostas mexicanas, ao mesmo tempo em que deixavam escapar, pelos jornais, dúvidas sobre a eficácia do projeto. As principais foram resumidas por Wendell Gunn, consultor de vários bancos, ao *The Wall Street Journal*:

"Um devedor com um empréstimo de 14 bilhões de dólares na mão pede ao seu credor que perdoe 4 bilhões (uns 30%) e prolongue o prazo dos restantes 10 bilhões", explica o consultor americano.

"Em troca, o devedor se compromete a garantir esses 10 bilhões de dólares com títulos no valor de 2 bilhões (20%). Não deveria causar nenhuma admiração o fato de que os bancos não estão interessados", prosseguiu.

Para os banqueiros, qualquer esquema de renegociação da dívida mexicana (mas não só, obviamente) está submetido a uma grande incógnita: quanto vale a promessa do governo do México de honrar seus compromissos, qualquer que sejam? No momento, a resposta do mercado é 50%. É a esta taxa de desconto que os títulos da dívida mexicana estão sendo negociados no secundário.

"Qualquer banqueiro que saiba fazer contas percebe que nada tem a ganhar com o esquema mexicano, pelo contrário", diz Wendell Gunn. "Atualmente um emprésti-

mo de 14 bilhões está valendo a metade, ou seja, 7 bilhões. Mas, se um banco entrar nesse novo negócio, o mesmo empréstimo estaria valendo apenas 6 bilhões" (ou seja, os 2 bilhões oferecidos com a garantia de bônus do Tesouro americano mais a metade dos 8 bilhões que sobram após o desconto de 4 bilhões dos 14 iniciais).

O clima de certa insatisfação com a proposta mexicana, entre os grandes credores desse país, parece ter aumentado consideravelmente depois da insistência, por parte do México, de retirar uma última parcela de 913 milhões de dólares de um "jumbo" de 6 bilhões assinado recentemente. "É como cuspir na nossa cara", comentou um banqueiro americano. "Estamos dando dinheiro para que eles comprem os bonus do Tesouro americano com os quais querem pedir que façamos novas concessões".

Grande parte da imprensa especializada internacional dedicou considerável espaço ao plano mexicano, apresentado simultaneamente em Washington e Cidade do México a 29 de dezembro último. Faz parte desse plano a idéia de oferecer os novos títulos mexicanos em leilão. Recente estudo conduzido pelo Ministério da Fazenda mexicano mostra, contudo, que os principais bancos, caso resolvam participar do plano, não estão dispostos a fazer nenhuma oferta que implique em descontos acima de 40% sobre o valor de face dos papéis que já detém.

Embora esses descontos correspondam genericamente à avaliação que diversas firmas de consultoria estão fazendo em Nova Iorque, eles tem sido considerados "razoavelmente decepcionantes" em vista da alta expectativa que o governo mexicano (e americano também) colocaram no novo esquema de consolidação da dívida. Nesse sentido, alguns analistas americanos, ligados aos grandes institutos financeiros, criticam a participação direta da administração como "nociva". Eles acham que encorajar formas de conversão (*debt-equity-swaps*) seria mais vantajoso.

O leilão programado pelo governo mexicano ainda não tem data, mas deverá ocorrer até o final de março. A julgar pela velocidade com que os grandes bancos estão desmoralizando o plano, porém, é provável que pouco dele ainda esteja de pé até lá.